

Abdias do Nascimento: um GRANDE do século XX

Amauri Mendes Pereira¹

*Pedra, pau, espinho e grade são da vida um desafio,
De quem banha a vida toda no unguento da coragem.
Adubam a vida, multiplicam, são motivos de viagem.*

Conceição Evaristo

*Mesmo que voltem as costas
às minhas palavras de fogo,
Não pararei de gritar, não pararei,
Não pararei de gritar.*

Carlos de Assumpção

A primeira vez que vi Abdias do Nascimento, logo que comecei a falar em “coisas do negro” em casa, por volta de 1973, foi pelo olhar de minha mãe: era um homem muito nervoso que botava todo mundo nervoso. Ele só queria saber de defender a raça.

Ao vivo mesmo foi em sua exposição, em 1977, numa galeria em Ipanema-RJ. Gostei demais dos quadros, e de serem obras de um negro de sucesso. Mas no fundo, além de certo despeito, sentia um desconforto: ele podia ser um lutador no passado, agora nós, os jovens, é que estávamos na frente – Como ele vinha e se colocava com toda força? Ele que as pressões da ditadura e se exilara e deixara a nova militância órfã.

Custou, mas fui “encaixando” a idéia de que ele era diferente de nós: pela maturidade decorrente da imensa bagagem (intelectual, política e de outras vivências), pela abrangência das idéias, pelo prestígio e reconhecimento que já gozava, no Brasil e em outras partes do mundo. Lélia Gonzáles um dia confidenciou:

¹ Militante do Movimento Negro. Doutor em Ciências Sociais. Mestre em Educação. Especialista em História da África. amauripereira1@uol.com.br

em todo lugar (fora do Brasil, entre 1979 e 1988) onde chego perguntam: e aquele senhor... – nem sempre lembravam exatamente do nome, mas da força, da paixão pela “causa do negro”, do requinte de sua argumentação e histórias – que fez um teatro e lutou sempre contra o racismo no Brasil? Isso foi vivenciado, também, por Benedita da Silva, “mulher-negra e favelada”: nossa primeira vereadora, depois deputada, depois senadora, hoje, novamente deputada. Nos meados do século XX, plenitude do mito da democracia racial, tempos espinhosos em que só os mais corajosos e obstinados denunciavam que aquela ideologia não passava de um desejo sedutor, a imagem de luta contra o racismo dentro e fora do Brasil era a de Abdias.

Lélia e Benedita foram as porta-vozes do “novo” Movimento Negro Brasileiro durante boa parte dos anos 80, logo após o impulso dos anos 70, na sequência do Ato Público do 7 de julho de 1978, em frente ao Teatro Municipal em São Paulo. Ali veio a público o MUCDR-Movimento Unificado Contra a Discriminação Racial, que se tornou MNU-Movimento Negro Unificado em 23 de julho, e realizou sua primeira Assembléia Nacional em 9-10 de setembro do mesmo ano, no IPCN-RJ.

Abdias e Lélia estiveram no 7 de Julho e na reunião do dia seguinte. Estavam – todxs estávamos – surpresos, e pouco a vontade: o momento era da nova militância. Sua radicalidade, desprendimento, coragem (consta que foi o primeiro ato

público-público-no centro de São Paulo)² desde 68, e objetividade.³

Logo foi se evidenciando para nós (falo a partir de uma visão que tornou comum aos-às militantes mais envolvidos na organização de todo esse processo) que “o buraco era mais embaixo”. Romper o silêncio, ainda mais com aquela ousadia!!!, e apontar novas formas de organização, discursos mais afinados com a conjuntura, contra a ditadura e próximo das bandeiras da esquerda que se reconstituía na campanha embrionária naquele momento, da anistia “ampla, geral e irrestrita”... Isso era pouco! A crença (ou o desejo) no mito da democracia racial era, também, amplo, geral e quase irrestrito.

Como era difícil ter a palavra naqueles ambientes ansiosos por redemocratização! Abdias tinha ou a tomava. Ele não havia feito isso em Lagos-Nigéria 1977, no FESTAC-Festival de Arte e Cultura Negra?⁴ Quando o livro foi lançado foi uma surpresa: estávamos representados!!! Abdias dedica o livro a Florestan Fernandes, e este lhe dedica um prefácio sublime, amoroso – lembro de minha emoção imaginando como trilharam caminhos tão diferentes, mas se encontraram como irmãos!

Quando foram lançados os dois volumes do livro Memórias do Exílio, início dos anos 80, lá estava o depoimento e texto de Abdias – ele estivera presente no Encontro de Lisboa, sob a égide

² Não tomo em consideração as manifestações operárias do ABC, porque não eram vistas como desafios públicos a ordem vigente, não se realizavam num grande centro, mas em áreas industriais; nem o movimento contra a carestia, puxado pelas CEBs-Comunidades Eclesiais de Base, que realizava reuniões e eventos nos bairros e ao abrigo da Igreja Progressista de São Paulo

³ Importante ver, além dos relatórios das reuniões do dia 8/7, dos dias 22 e 23 de julho, e dos dias 9 e 10 de Setembro, as manchetes dos principais jornais de todo o país no dia 8.07, e reportagem e textos do Afro-Latino-América (a seção negra do jornal *VERSUS*), elaborados por Hamilton Bernardes Cardoso, Milton Barbosa e Neusa Pereira.

⁴ O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado. Editora Paz e Terra. RJ. 1978.

da Social-Democracia – no contexto das articulações de exilados brasileiros, para a volta ao país.

Quando ele – e agora já uma nova equipe em que despontava sua companheira Eliza Larkin – realizou o 3º Congresso de Culturas Negras das Américas-SP-1982, aí a ficha caiu de vez: nossa (da nova militância) força e discursos mais estruturados eram fundamentais, mas insuficientes. Enquanto a trajetória das lutas negras como parte das lutas sociais e da história social do nosso país não conquistasse o direito à história – e essa seria uma bandeira crucial da nova militância – precisaríamos sempre nos desgastar enormemente (e a todxs em cada momento) nos contextos de oposição e de proposições de redemocratização, para termos a palavra, para falar que havia, também, a necessidade de luta contra o racismo. E já falávamos sentindo a contrariedade da maioria, sua indisposição com aquele discurso visto como distoante e impertinente.

Era preciso estratégia. A anterioridade e maturidade de Abdias se revelavam: o único partido político que, de fato, concedia espaço para discussão livre e aberta da questão racial era o seu – o PDT.

(Eu mesmo partilho da visão de que era um quadro complexo, de que é preciso considerar muitas outras coisas)... Mas, ao fim e ao cabo, apenas um partido político – e só por aí se tinha acesso (naquele momento) à esfera pública mais ampla e audiência e visibilidade social e política – incorporou negros ao primeiro escalão em 1983. E apenas Leonel Brizola fez toda uma reengenharia para montar seu secretariado e, além de por

negros militantes, propiciar a Abdias – eleito como suplente – assumir o mandato na câmara federal.⁵

Daí em diante, falo agora em minha visão pessoal, eram terríveis os momentos em que o temperamento forte de Abdias atropelava reuniões, idéias, pretensões de jovens militantes, e assumia as frentes, muitas vezes sem olhar para os lados. Porque a minha admiração crescia e tentava entender e partilhar seu senso de oportunidades, sua obstinação em enfrentar os meio-discursos e meio-apoios. Eu pensava que já era hora dele passar o bastão, que nós daríamos conta dos embates diários e de cotoveladas necessárias... Que ele se poupasse. Que se constituísse em nosso emblema, nossa foto de estadista na parede de nossas organizações... Que ele fosse o exemplo e apontasse horizontes!

Mais uma vez eu estava enganado. Conquistáramos espaços, sim! Mas o racismo, ou a inconsciência social sobre o racismo, ou a displicência no trato com o racismo, são facetas manhosas, cujo culto não reflexivo, incorporado e naturalizado, é capaz de convencer os incautos de que podem convencer a si próprios e a outros de que é possível “ir em frente”... Para muitos “solidários” *aos negros*, lutar contra o racismo é um detalhe. “Vamos sim, mas sem exageros, não se pode ficar preso a isso...”. A sensatez a serviço da perpetuação do status quo, agora sem dramas íntimos, sem constrangimentos – afinal “já nos dispusemos a lutar contra o racismo”!

⁵ Em São Paulo o governo de Franco Montoro também honrou seu compromisso com militantes negros. Apoiou-os firmemente na criação do primeiro Conselho do Negro, como órgão da estrutura do Estado. Essa história e a crucialidade dos processo é analisada por Ivair Augusto dos Santos no livro **O Movimento Negro e o Estado (1983-1987)**. No prefácio desse livro, Carlos Figueiredo, Secretário de Participação e Descentralização do Governo Montoro, fala que haveria um negro no primeiro escalão daquele Governo. Esmeraldo Tarquínio, antiga liderança política cassada pelo regime militar, deputado federal e prefeito de Santos, seria levado à Secretaria de Justiça, mas faleceu durante a campanha.

Aos poucos fui entendendo melhor: estratégia eficaz só com amplitude de visão, que só é dada a quem está, realmente, à frente. Na disputa de melhores encaminhamentos na luta é essencial a noção de complementaridade, de que a luta tem muitas frentes e exige diferentes jeitos e talentos, e que é preciso somar tudo isso, e atuar em convergência. A incipiência, o açodamento e os impulsos da jovem militância são fundamentais em certas circunstâncias, mas prejudicam em outras. Como daria conta de enfrentar sozinha tantos desafios? Vivenciei isso nos eventos das Diretas Já, em 1984, no RJ. Naquela oportunidade percebi que Abdias curti a complementaridade – ao invés de disputa ele falou pela representação Nacional do Movimento Negro do PDT, e eu falei representando o Comitê Pró-Diretas Contra o Racismo, de uma ampla articulação do Movimento Negro, no palanque principal do grande comício do dia 10.04 – com mais de um milhão de pessoas

Um bom exemplo de objetividade com serenidade foi a resposta ao deputado Gerson Pères, que aparteou Abdias, quando ele discursava na tribuna da câmara federal em 21 de março de 1985, e denunciava o racismo brasileiro e a manutenção de relações diplomáticas entre o Brasil e a África do Sul?

Nobre deputado Abdias do Nascimento, com o respeito e a admiração que tenho por V. Exa. Permita-me discordar da tese genérica que expõe nessa tribuna. Quanto ao ponto de que no nosso país existe discriminação racial, V. Exa. violenta uma das maiores tradições aqui existentes, pois o que aqui existe, deputado, são preconceitos sociais, provenientes, talvez, do sistema capitalista vigente. Mas não há

discriminação racial. Aqui, o preto, o negro é tão nobre e tão digno que o povo brasileiro o traz para a tribuna do Congresso. E hoje V. Exa. aqui fala, defendendo suas idéias, seus pensamentos. E nós o respeitamos. Aqui, os brancos votam nos pretos, como votaram em V. Exa. milhares de brancos. Veja que falo com o respeito que tenho por V. Exa. Não há discriminação às mulheres; o que há são preconceitos sociais, provenientes do sistema capitalista existente, onde milhares têm pouco e poucos têm muito, gerando realmente este conflito na sociedade, o que atinge muitas vezes, as camadas mais pobres, onde há milhares de brancos, como milhares de pretos. E a nossa Constituição, deputado Abdias Nascimento, não permite a discriminação; proíbe-a desde o Império, desde a República, até a última Constituição, a de 1946, gerada pela vontade soberana do povo brasileiro, através da Constituinte. Eu o admiro, realmente, por condenar o *apartheid*, a discriminação racial nos Estados Unidos, onde existe uma democracia que falta ser completada com a eliminação dessa discriminação. Mas, no nosso país, deputado, o preto e o branco são uma dualidade como uma unidade de substância, que é a nossa fraternidade, o nosso amor, a nossa maior bandeira para o mundo. É um país livre, feliz, tão feliz quanto nós, que nesta tarde ouvimos um deputado negro que honra este parlamento (Peres *apud* Nascimento, 1985: 17).

Ao que Abdias retrucou:

Retribuo a V. Exa. o sentimento que externou em relação à minha humilde pessoa, mas **quero também**

manifestar-lhe que foi com profunda consternação que ouvi o seu aparte. V. Exa. está afastado não só das ocorrências históricas, como da nossa realidade atual. Em primeiro lugar, devo informar a V. Exa. que foi exatamente o racismo do Brasil e do mundo que criou o capitalismo. V. Exa. vê o racismo como consequência do capitalismo. **V. Exa. desconhece o assunto.** O capitalismo é o resultado do racismo e da exploração escravagista. Em segundo lugar, desejaria dizer-lhe que, **ao afirmar que não há racismo no Brasil por existir um deputado negro no Congresso Nacional, V. Exa. está exatamente provando que ele existe. A maioria do povo brasileiro é de origem africana, e só um deputado negro vem aqui falar a respeito do seu povo. Este é o exemplo mais clamoroso de racismo.** Acabo de receber um convite de 30 deputados que formam o bloco negro no Congresso americano, no sentido de lá comparecer em setembro. Há trinta deputados negros nos Estados Unidos, num país onde o negro representa 15% da população. No nosso país, somos mais de 70%, e há somente um deputado negro neste parlamento. V. Exa., no seu aparte, apresenta a minha pessoa como testemunho da ausência de racismo no nosso país. Com isso, V. Exa. está confirmando a tese de que no Brasil o racismo é mais evidente do que nos Estados Unidos e na África do Sul, onde, hoje, muitos negros morreram na celebração do Dia Internacional Contra o Racismo (Nascimento, 1985: 18, grifo de Santos, 2009: 143).

Era preciso “engolir” a proeminência de Abdias. Que fosse assim! Ganhava a luta contra o racismo e não perdíamos nada.

Aprendíamos, também, a jovem militância, a esperar nossa vez, a ter cautela, a aprimorar intervenções, planos, perspectivas. O embate mesmo devia ser dirigido ao racismo – esse sim o inimigo.

Sua atuação na Câmara Federal (nesta casa legislativa) foi impecável. O pesquisador e militante Sales Augusto dos Santos (2009), aproveitando a biografia feita por Semog e discursos e escritos de Abdias e de Eliza Larkin, analisou agudamente a importância dessa trajetória parlamentar, seus momentos de brilho consistente, e a retidão e objetividade do primeiro mandato de parlamentar brasileiro voltado exclusivamente para os interesses da luta contra o racismo. Um marco histórico nessa instituição.

É imenso seu aporte para nós, militantes negros, mas também, para o amplo universo da sociedade brasileira que aspira a efetiva construção da democracia e da justiça social. E abrange realizações artísticas, intelectuais e políticas. Como pensador sua obra é um testemunho de coerência e de paixão pela causa do negro brasileiro; como político vimos um exemplo de sua atuação aqui nesta casa legislativa. Como artista, nos anos 40 e 50, podemos imaginar: como organizar, praticamente sem recursos, e levar à cena peças como **O imperador Jones**, de Eugene O’Neil? Muitas audácias! Capacidade de realização de algo quase impensável na época: autorização do autor (dificultada por entraves burocráticos), tradução/versão de um texto considerado difícilíssimo e com muitas-as personagens, montagem de cenários, figurinos, ensaios, etc, etc – protagonismo negro em pleno Teatro Municipal!... Em outra oportunidade o próprio Abdias contracenando com a grande

dama do teatro brasileiro, na peça **Otelo**, de Sheakspeare, no teatro Regina “beijando Cacilda Becker na boca”.⁶



Foi bom aprender que não bastava uma causa justa: era preciso estratégia. Também, que era insuficiente a combatividade da nova militância: eficácia só comendo forças, acolhendo participações de todo tipo, inclusive de não negros, de outros movimentos sociais. E ainda, que há aquelas que assumem comandos e posturas pelo simples fato de que de algum jeito, ou por algum caminho misterioso, se prepararam mais e melhor e é

⁶ Não encontrei em texto biográfico sobre Cacilda Becker referência a esse momento que honra sua carreira, para além da grandiosidade de seu talento – o enfrentamento público do racismo com corpo e alma!!! Basta lembrar da onda de protestos de importantes setores das artes e cultura brasileira, em 1984, mais de 40 anos depois, quando o então vice-governador Darci Ribeiro promoveu o aniversário de Clementina de Jesus – grande dama da Música Popular Brasileira – no Teatro Municipal. Em manifestação na frente do Teatro bradavam (Zózimo Barroso do Amaral à frente): “Conspuração do templo da cultura nacional!!!”

assim que se avança – às vezes atropelando racionalidades, intencionalidades, objetividades, e ate mesmo certos formalismos da construcao democratica – fazer o que?

Abdias representava entre nós – militantes negros e sociedade brasileira – aquela geração de grandes homens e mulheres, que nos meados do século XX levaram seus povos à re-conquista do direito à história. É assim que o vejo hoje. Em Africa eram Mandela na África do Sul, N'Krumah em Gana, Modibo Keita no Mali, Lumumba no Congo, Ahidjo, no Camerum, Senghor, no Senegal, Amilcar Cabral na Guiné Bissáu-Cabo Verde, Sekou Ture na Guine Conakry, Agostinho Neto, em Angola, Eduardo Mondlaine e Samora Machel em Moçambique, e tantos outros! Guerreiros, poetas, intelectuais de primeira linha...

E não apenas em África mas em toda diáspora emergiram os bisnetos de todos os quilombos, palenques e marronajes, os herdeiros de Zumbi dos Palmares, de Toussaint Lverture, de Marguerith Ashe, de Henriette Tubman, de Luiza Mahin, de Frederick Douglass. De tantos e tantas!!! E como se em cada lugar um espírito libertario animasse a maioria e escolhia um-a capaz de assimilar e produzir mais energia cósmica – o AXÉ – e produzir “como tivesse de ser” o avanço das lutas.

Ainda estava quente, vivo, o legado de Du Bois, Richard Wright, de Fanon, de George Padmore, de Garvey, de Luther King.

Não se pode dizer que foi mais facil, no Atlantico Norte como no Atlantico sul, sempre houve a quem dar as maos, tanto entre negros, quanto entre não negros combatentes linha de frente. Aqui Abdias teve Pompilho da Hora, Sebastiao Rodrigues Alves, Ironides Rodrigues, Maria do Nascimento, Jose Correia Leite,

Aguinaldo e Osvaldo Camargo, Lea Garcia e Rute de Souza, Alberto Guerreiro Ramos, Nelson Rodrigues, Florestan Fernandes, Jose Honorio Rodrigues.

Mas o Brasil é o maior de todos... Para cá viemos mais da metade de todos os seres humanos trazidos no tráfico Atlântico. Aqui começou e foi o último país a acabar a escravidão. E, diferente de todas as outras nações criadas nas Américas a partir da diáspora africana, somente entre nós houve escravidão e luta contra a escravidão em todo o território nacional – a presença cultural, social, política, econômica do negro constituiu-se no núcleo pesado (como bem disse Joel Rufino dos Santos) da cultura popular brasileira, e num emblema da identidade nacional brasileira. E custou para Abdias encontrar alguém como Sartre, que se orgulhou de prefaciar os *Condenados da Terra* de Fanon. Apenas as exceções de sempre, em uma classe dirigente “desterrada em sua própria terra”, envergonhada do seu povo, com “complexo de vira lata”, na feliz expressão de Nelson Rodrigues, não conseguiu acompanhar a obstinação e clarividência de Abdias.

A minha geração aprendeu com ele diretamente, e com tantos e tantas que estiveram ao seu lado. Hoje já trilhamos nossos próprios caminhos e combates (ainda) sem fim! Felizmente com sua presença, e podendo acarinhá-lo até o fim. Lembro que lhe disse, nos seus 95 anos, Você acumulou muita energia a vida toda, que bom! Ainda vai ficar conosco um bom tempo. Ele sorriu e disse “Deixa comigo”!

No seu tempo Abdias disse – com James Baldwin – “da próxima vez, fogo”. E, como Carlos Assumpção na epígrafe *Nunca parou de gritar!!!*

Ele viveu para ver frutos potentes e grandiosos de sua sementeira e de tantos e tantas que estiveram ao seu lado-sempre. Minha geracao e a que já vai nos suceder NA LUTA QUE CONTINUA, pode ouvi-lo dizer com toda pompa e rispidez afetuosa que lhe era peculiar – na inauguracao de uma sala com seu nome, do Coletivo DENEGRIR (juventude guerreira na UERJ), naquela universidade - *“Tudo bem, eu aceito essa homenagem. Mas preciso dizer que não foi para isso que eu fiz o que fiz no meu tempo. Tudo que eu fiz foi para ver meu povo livre, com dignidade e possibilidades de viver feliz como seres humanos. Só peço a voces que possam dizer a mesma coisa quando estiverem velhos como eu”*.

Aplausos sem fim ao eterno Abdias!